

indispensáveis ao **fidai** — elemento encarregado de executar algum atentado —, que retoma as armas uma vez executada a missão. São as chamadas “mulheres arsenais”.

Arrisca a vida. Ganha as montanhas. Percorre centenas de quilômetros transpondo as barreiras do exército dominador. Pega em armas. Acompanha o homem no **maquis**. Leva informações preciosas para o movimento. Tudo isto é levado a cabo por uma jovem que, ainda, em 1953 não saía à rua sem ser acompanhada, que vivia recolhida em casa, que evitava conversar com homens, que não tomava parte na vida do homem, que não discutia; a mulher não era ouvida. Agora o pai adapta-se à nova situação cripa pela luta: não lhe pergunta por onde andou durante a ausência do lar, não a interroga sobre a vida privada. O pai passa a estar diante de uma heroína, respeita-a e aceita o seu novo lugar na família e na sociedade, lugar conquistado com o risco constante de perder a vida.

O casamento, que anteriormente à revolução se limitava a um simples contrato entre os pais dos noivos, para o qual estes não eram ouvidos, altera-se. A revolução cria um registro civil. Os jovens que se conhecem no **maquis** passam a celebrar seu casamento perante o oficial do registro civil da “administração fantasma”, criada pela revolução, sem que necessitem da autorização paterna. Os pais aceitam. Seus filhos não são mais as crianças do passado; são heróis que merecem respeito. O divórcio, que antes se limitava ao simples repúdio da mulher por parte do marido, não mais pode ser praticado, a revolução exige um processo, tem que respeitar as leis da revolução, e só o oficial do registro civil do FNL o pode decretar. A revolução libertou a mulher, na medida em que esta conquistou uma nova posição na sociedade. A sociedade altera-se na forma e no comportamento dos seus integrantes.

E’ a alteração profunda do **status** individual, que nos garante a autenticidade da revolução argelina. A criação de uma nova legislação, aplicada e executada por “tribunais fantasmas”, a “administração fantasma”, a que os camponeses recorrem dispensando os órgãos da administração colonial, a participação dos cidadãos, homens e mulheres, nas assembleias populares, constituem a base da nova Argélia.

FERNANDO D’ALBUQUERQUE MOURAO

*

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA. Tomo XV, 458 págs., São Paulo, 1961.

Depois de 10 anos de interrupção, é reiniciada a publicação dos Anais do Museu Paulista, que juntamente com a sua Revista, deram justo renome àquela instituição. Enquanto a coleção da Revista, que circula desde 1895, enriquece, sobremaneira, a bibliografia antropológica brasileira, particularmente na chamada **nova fase** de sua publicação, os seus Anais têm se consagrado mais à História. Assegura-nos o historiador Mário Neme, seu Diretor, que os Anais conti-

nuarão sem maiores soluções de continuidade, e inserindo, inclusive, monografias, comunicações e crítica bibliográfica.

Este número, que sai a lume graças a verba federal, concedida através da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, traz a seguinte matéria: "Ensaio de história econômica financeira", do saudoso Afonso de E. Taunay, no qual o autor da "História da cidade de São Paulo", reúne vários estudos, já anteriormente publicados, e de valor para o conhecimento da evolução econômica paulista. Da mesma valia é o trabalho que se segue, de Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, intitulado "Memória econômico política da capitania de São Paulo", no qual são estudadas as causas da conjuntura econômica que a capitania atravessava, bem como apontadas as soluções adequadas. Vem a seguir "As cartas de Miss Mary P. Dascomb ao dr. Horace Manley Laus" (1886-1907), primeiro diretor do Mackenzie College. Na introdução a essas missivas o prof. Frank Goldman encarece a sua importância para a história da contribuição protestante à educação brasileira. Encerra este volume o "Diário de uma viagem pelo sertão de São Paulo, realizada em 1904", o qual vem enriquecido com um prefácio do sr. Carlos Borges Schmidt, e notas etnográficas do prof. Herbert Baldus e históricas do dr. Edgard Lage de Andrade.

J. R. A. L.

*

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. N.º 1, Rio, março de 1962.

Desde que assumiu a direção do Museu Nacional de Belas Artes, o crítico José Roberto Teixeira Leite vem tomando uma série de iniciativas que têm dado àquela instituição a projeção que ela realmente merece. Restaurações, exposições e até "descobertas" de quadros famosos, constituem resultados mais imediatos dessa nova orientação impressa ao Museu.

Completando essa "dinamização" da casa de artes da avenida Rio Branco, acaba de ser lançado o primeiro número do Boletim do Museu Nacional de Belas Artes, cuja circulação será trimestral. Destina-se c mesmo à publicação de trabalhos originais, sendo, nesse sentido, franqueado a estudiosos e especialistas do país e do exterior. Abrigará ainda assuntos de interesse para a ciência museológica, comentários bibliográficos, debates dos problemas artísticos no Brasil, etc.

Neste número o Boletim apresenta a seguinte matéria: "Um Velazques no Brasil", artigo no qual P. M. Bardi, Diretor do Museu de Arte de São Paulo, faz várias considerações em torno do Retrato do Conde-Duque de Olivares, obra que agora é definitivamente atribuída a Velazquez e que está no Brasil. De Luís Carlos Palmeira há uma "Notícia sobre a coleção egípcia do Museu Nacional". Nos "Desenhos brasileiros do Conde de Clarac", o sr. Donato Melo Júnior dá vários informes sobre o Conde que para aqui viera como cavaleiro da comi-